



•NOVA•
UCSAL

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

CURSO DE FILOSOFIA

MARCOS DA SILVA NERI

**A RELAÇÃO ENTRE A BUSCA DA VERDADE E A DESCOBERTA DA
FELICIDADE NA PERSPECTIVA AGOSTINIANA**

SALVADOR - BA

2020

MARCOS DA SILVA NERI

**A RELAÇÃO ENTRE A BUSCA DA VERDADE E A DESCOBERTA DA
FELICIDADE NA PERSPECTIVA AGOSTINIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
graduação em Filosofia, Universidade
Católica do Salvador, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em
Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Franklin Rami
Cavalcanti Oliveira Regis

SALVADOR - BA

2020

AGRADECIMENTOS

Ao bom Deus e a Santíssima Virgem Maria por ter concedido a graça da perseverança neste período de estudos filosóficos. Portanto, cultivando um sentimento de gratidão por tudo que vivenciei nesta etapa da minha vida me apropriado das palavras de São Paulo para dizer que "Combati o bom Combate, completei a corrida, guardei a Fé" (2 Tm 4,7).

Expresso a minha honra à Universidade Católica do Salvador pela dedicação e zelo e aos docentes do Bacharelado em Filosofia, de modo particular ao meu orientador o Prof. Me. Franklin Rami Cavalcanti Oliveira Regis e ao coordenador deste curso o Prof. Dr. Paulo Vasconcelos um exímio educador. A vocês, o meu muito obrigado por se dedicaram durante estes três anos para alargamento do nosso conhecimento na área filosófica. Sou-lhes grato pela paciência e dedicação ao exercer este nobre ofício.

Ao Seminário São João Maria Vianney e aos Reverendíssimos formadores, por me proporcionarem um tempo de formação singular e desafiador para a minha vocação. Agradeço aos meus colegas que estiveram comigo e me ajudaram, foram sinais de verdadeira motivação em minha vida entre eles meus irmãos seminaristas da Diocese de Cruz das Almas pelo apoio nesta caminhada.

Rendo graças aos meus compadres e afilhados que foram um porto seguro nos momentos difíceis vocês animam a minha vocação.

Minha gratidão à Paróquia Nossa Senhora da Vitória na pessoa do Rev. Padre Dvanildo de Jesus Ribeiro por me ajudar através das orações e terno apoio em toda a minha trajetória. Agradeço especialmente a minha comunidade São Benedito de Capanema.

Sou muito grato a Diocese de Cruz das Almas, na pessoa do Exmo. E Revmo. Dom Antônio Tourinho Neto por me acolher e acreditar no meu potencial, me encorajando a permanecer firme na caminhada.

Aos meus familiares o meu muito obrigado em especial aos meus pais e irmãs pelo apoio e motivação neste período tão importante para minha vida! Agradeço imensamente a todos. Ao Senhor, o Bom Pastor, graças e louvores!

RESUMO

Na obra, de Agostinho “*De beata vita*” ou “Sobre a Vida Feliz” Hipona (354-430), a discussão sobre a verdade norteia-se por uma questão fundamental: Pode um homem alcançar sabedoria e felicidade enquanto ele procura a verdade ou somente quando ele a encontra? Em torno dessa questão, confrontam-se os interlocutores, nesse diálogo. O tema da discussão “*De beata vita*” ou “Sobre a Vida Feliz” é um problema relevante até os dias de hoje, merecendo esse tema um debate sério acerca de suas questões. Buscar a verdade para então chegar à felicidade plena não é uma tarefa banal ou supérflua, mas necessária e fundamental. Ademais, esta pesquisa tem por objetivo analisar a temática da felicidade, a partir da obra de Santo Agostinho intitulada *De Beata Vita*. A metodologia utilizada neste trabalho foi o estudo dessa obra e de outras que versam sobre essa questão, buscando compreender qual a base do conceito de felicidade nesse filósofo e qual a sua aplicabilidade nos dias de hoje. O estudo nos revelou que Agostinho não só revisou, mas aprofundou os temas verdade e felicidade, já que incluiu novos elementos, o que ressignificou a sua própria forma de conceber a vida feliz, fazendo a distinção entre a felicidade terrena e a verdadeira felicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade; Felicidade; Sabedoria

[F1] Comentário: Palavras-chave :

RESUMEN

En la obra *Beata Vita* de Agustín de Hipona (354-430), el debate sobre la verdad céntrase en una cuestión fundamental: ¿Puede un hombre alcanzar sabiduría y felicidad cuándo busca la verdad o solamente cuándo la encuentra? Sobre esa cuestión, debaten los interlocutores, en ese diálogo. El tema de la discusión “*De Beata Vita*” o “Sobre la Vida Feliz” es un problema relevante hasta hoy, mereciendo un debate serio sobre las cuestiones presentadas. Buscar la verdad para llegar a la felicidad plena no es una tarea banal o superflua, pero necesaria y fundamental. Además, esta investigación tiene como objetivo analizar el tema de la felicidad, a partir de la obra de San Agustín titulada *De Beata Vita*. La metodología empleada en este trabajo fue el estudio de este trabajo y otros que abordan este tema, buscando comprender la base del concepto de felicidad en este filósofo y cuál es su aplicabilidad en la actualidad. El estudio reveló que Agustín no solo revisó, sino que profundizó los temas de la verdad y la felicidad, ya que incluyó nuevos elementos, que dieron un nuevo significado a su propia forma de concebir la vida feliz, haciendo la distinción entre la felicidad terrena y la felicidad verdadera.

PALABRAS – CLAVE: Verdad; Felicidad; Sabiduría

[F2] Comentário: ADEQUAR AOS AJUSTES DO RESUMO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O HOMEM EM BUSCA DA VERDADE.....	12
2.1 AGOSTINHO VIDA E OBRA.....	12
2.2 O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE SANTO AGOSTINHO SOBRE A VERDADE.....	13
2.3 O CONHECIMENTO E O ALCANCE DA VERDADE.....	14
2.4 A DIVISÃO DA VERDADE EM AGOSTINHO.....	15
2.5 O MÉTODO DIALÉTICO – ESPECULATIVO – ASCENSIONAL.....	16
2.6 A DÚVIDA AGOSTINIANA.....	17
2.7 AGOSTINHO E O MITO DA CAVERNA.....	18
3 A FELICIDADE PLENA.....	20
3.1 A FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DA FELICIDADE.....	20
3.2 DIÁLOGO SOBRE A VIDA FELIZ.....	21
3.3 O HOMEM E O DUALISMO PLATÔNICO.....	22
3.4 A RELAÇÃO ENTRE DEUS E A FELICIDADE.....	23
3.5 A FINALIDADE DA VIDA FELIZ.....	25
4 A VERDADE COMO ÚNICO CAMINHO PARA A FELICIDADE.....	28
4.1 AGOSTINHO: FÉ E RAZÃO.....	28
4.2 A VIVÊNCIA DA FELICIDADE.....	29
4.3 A TEORIA DA ILUMINAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM A VERDADE E A FELICIDADE.....	30
4.4 AGOSTINHO ENTRE A VERDADE E AFELICIDADE.....	32

4.5 O EXERCÍCIO DA RACIONALIDADE NA BUSCA DA FELICIDADE.....	34
5 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo em que cada pessoa é única, encontraremos também opiniões, crenças e pensamentos diversos sobre vários assuntos, mas todo ser humano tem algo em comum: o desejo de ser feliz. Não encontraremos nenhuma pessoa neste mundo que não queira ser feliz. Nem que seja por um instante, todos procuram a felicidade.

Leituras preliminares apontam que para responder a essas perguntas, Agostinho parte da memória, que segundo ele é o "ventre da alma". A memória é, para Agostinho, de suma importância, pois é ela que armazena tudo o que é captado por nossos sentidos de uma forma organizada, mesmo aquelas lembranças mais antigas estão devidamente guardadas em nossa memória. E não só o que é captado pelos sentidos, mas também as ciências que são captadas por nós através do nosso intelecto e que também são armazenadas em nossa memória.

Da mesma forma, a vida feliz que tanto procuramos, como a mulher que no Evangelho procura a dracma, deve estar também em nossa memória como a dracma perdida. O problema está em saber como esse desejo por essa vida entrou nela, pois, como Agostinho diz, não pode ter sido através dos sentidos, uma vez que a felicidade não é um corpo, e nem como as ciências, pois estas, ao recebermos em nosso intelecto, não a desejamos, ao contrário da vida feliz, que desejamos possuir.

Em nossos dias, a procura pela felicidade está associada à prosperidade, o que não é nenhum erro desejar possuir bens para que possam tornar a nossa vida um pouco mais confortável. O problema está na importância que damos a este desejo. Em um mundo passando por uma grave crise financeira, com milhares de pessoas perdendo seus empregos, a procura por Deus e sua misericórdia deve retornar à sua importância devida.

Isto posto, a pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: **De que forma a busca da verdade pode levar à descoberta da felicidade na filosofia agostiniana?**

Santo Agostinho elaborou suas reflexões tendo como um de seus objetivos apontar caminhos para que o homem saísse de seu estado de inquietação. Nessa tentativa, estando já convertido ao cristianismo, apresenta uma nova fonte de felicidade, que não é mais a filosofia: essa fonte é Deus. Para o pensador, Deus passa a ser o objetivo a ser buscado pelo homem, sendo que somente assim ele teria condições de ser feliz.

Imaginemos duas situações distintas: na antiguidade, um homem era considerado feliz por ter um corpo perfeito ou ter muitos bens materiais, e, após viver muitos anos, morrer de velhice junto à sua família. Mas também, um homem hoje, pobre com uma vida simples, que fosse chamado pelo exército para auxiliar na luta e defender seu país numa guerra, mas infelizmente morrer nesse combate e não poder mais retornar para o seio de sua família.

Mas ainda assim, podemos encontrar um ponto comum, pois um sentimento de insatisfação gera essa busca contínua pela felicidade, uma busca constante, por sempre estar insatisfeito com o que possui, querendo buscar coisas novas.

Buscando responder à questão-problema, o estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre a busca da verdade e a descoberta da felicidade na filosofia agostiniana. Como objetivos específicos temos: investigar como a filosofia agostiniana concilia a busca da verdade à compreensão de Deus; averiguar o conceito de vida feliz em Agostinho, especialmente a partir da obra *Do Diálogo sobre a Felicidade*; analisar de que maneira a busca pela verdade pode ser um caminho para encontrar a felicidade; descrever como a Teoria da Iluminação pode ser um caminho para o alcance da felicidade.

A relevância do estudo está centrada no fato de que através de todos os tempos, embora de formas variadas, o ser humano busca a felicidade, fazendo-se, assim, possível afirmar a existência de um desejo universal de felicidade. Desde a Grécia Antiga, grandes filósofos se dedicam a discutir o problema, acreditando ser a felicidade fruto apenas do esforço pessoal, ou seja, da razão e da vontade humana. Assim, o presente estudo centra a sua importância no fato de que, ao abordar o tema da felicidade em Santo Agostinho, contribui para o enriquecimento do debate contemporâneo em torno do tema,

especialmente, no atual contexto, em que a felicidade se converteu em um produto de consumo.

A conjugação dos conceitos de felicidade e verdade, em Agostinho, possui certo tom de originalidade, na medida em que, a partir do relacionamento de ambos conceitos, pode-se chegar a uma reflexão mais aprofundada e, de certo modo inovadora, acerca do pensamento do filósofo.

Quanto aos procedimentos metodológicos, ressaltamos que para atingimento dos objetivos propostos, utilizamos o método da pesquisa exploratório, pois busca o aprimoramento de ideias, as quais possibilitarão a consideração dos mais variados aspectos relativos ao objeto de estudo escolhido. Para tanto se estrutura em levantamento bibliográfico, usando a hermenêutica para ter uma maior profundidade, recolhendo as perspectivas dos diversos estudiosos sobre o tema e sintetizando-as no trabalho monográfico. Assim, buscamos nos autores os suportes teóricos que sustentam as hipóteses.

Ademais, esta pesquisa tem por objetivo analisar a temática da felicidade, a partir da obra de Santo Agostinho intitulada *De Beata Vita*. Assim, a metodologia utilizada neste trabalho foi o estudo dessa obra e de outras que versam sobre essa questão, buscando compreender qual a base do conceito de felicidade nesse filósofo e qual a sua aplicabilidade nos dias de hoje.

Além disso, faz-se um apanhado dos principais fatos da vida de Agostinho de Hipona, seguido por um breve esboço dos pressupostos da filosofia agostiniana.

Para responder ao problema de pesquisa proposto, este estudo se apresenta estruturado em cinco partes: apresentando no primeiro capítulo a introdução enfatizando os dados estruturantes para elaboração da pesquisa com a pretensão de contribuir para a compreensão da filosofia agostiniana sobre a verdade e a felicidade.

No segundo capítulo, investigamos a vida e contribuições filosóficas de Santo Agostinho, dando destaque às implicações entre o homem e a verdade, bem

como sobre o pensamento filosófico de Santo Agostinho sobre a verdade, o conhecimento e a posse da verdade, a divisão da verdade em Agostinho, a dúvida agostiniana e a relação do pensamento de Agostinho com o mito da caverna de Platão.

Já no terceiro capítulo, exploramos os fundamentos agostinianos sobre a felicidade, a partir de discussões sobre a vida e obra de Agostinho e sua conversão, a filosofia na perspectiva da felicidade, o diálogo sobre a vida feliz, o homem e o dualismo platônico, a relação entre Deus e a felicidade, a finalidade da vida feliz.

O quarto capítulo, apresenta a análise sobre como a verdade pode contribuir para a verdadeira felicidade e para tanto abordamos temas como fé e razão, a vivência da felicidade, Agostinho entre a verdade e a felicidade e o exercício da racionalidade na busca da felicidade.

Por fim no último capítulo, concluímos a pesquisa com as considerações finais alcançadas ao decorrer da pesquisa, suas contribuições, limitações que ocorreram ao longo do desenvolvimento desta e sugestões para pesquisas futuras.

2 O HOMEM EM BUSCA DA VERDADE

2.1 AGOSTINHO VIDA E OBRA

Para compreender adequadamente a questão da Felicidade em Santo Agostinho, é importante considerar que a temática está fortemente ligada à sua conversão.

A conversão de Agostinho foi um grande marco, uma vez que tal ação o inseriu na dedicação dos estudos filosóficos. Assim, ele buscou encontrar uma verdade segura que ainda não havia encontrado, se empenhando na tarefa de conciliar a Filosofia com o pensamento que já havia adquirido. Posteriormente, deu início a produção escrita, inclusive, abordando o tema "felicidade" em suas obras.

Agostinho destacou-se por sua fluente eloquência. Nas aulas de retórica estava entre os primeiros o que lhe acarretava uma vaidade plena. Em um dos seus estudos, deparou-se com Hortênsio: uma obra de Cícero que fazia notável uma exortação à Filosofia. Esta obra mudou a visão de Agostinho sobre o mundo; inclusive, ele mesmo atenta que após sua leitura, sentimentos, desejos e aspirações próprios foram mudados. Posteriormente, Agostinho debruça seus estudos em busca de certa verdade que seria dada pela filosofia (ROCHA, 2017).

Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas"! No entanto, eu ainda não sabia o que pretendias fazer de mim! Em ti reside a sabedoria. Ora o amor da sabedoria, pelo qual eu me apaixonava com estes estudos, tem o nome grego de filosofia (AGOSTINHO, 1997, p.70).

Uma das possíveis correlações que pode ser estabelecida entre a conversão de Agostinho e a questão da Felicidade é que ele, convertido, tinha uma enorme sede de sabedoria e, de modo ardente, desejava ir ao encontro da genuína Felicidade (ROCHA, 2017).

2.2 O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE SANTO AGOSTINHO SOBRE A VERDADE

A vida de Agostinho foi marcada por uma nítida inquietude que o levou a buscar um sentido para sua vida buscando encontrar uma verdade que ele pudesse servir como direcionamento. Após ter passado pelo maniqueísmo e ceticismo, o Bispo de Hipona encontraria, na filosofia de alguns escritos neoplatônicos, a construção ideal para tratar sobre a questão do alcance da felicidade. Após a inclinação pelos estudos da Filosofia, ele deu início ao seu percurso filosófico em busca da explicação de como o homem poderia alcançar a vida feliz (COSTA JUNIOR, 2020).

Como observa Oliveira (2013), é preciso estar ciente de que a filosofia agostiniana foi desenvolvida em um ambiente cujas principais preocupações eram voltadas para as grandes discussões apologéticas. Numa primeira fase da filosofia agostiniana encontra-se uma sobrecarga do logocentrismo grego,

sendo muito comum encontrar certa correspondência entre alguns posicionamentos, conforme o trecho: "concluamos, pois, que todas as pessoas para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possui a sabedoria" (AGOSTINHO, 1998, p.155).

Apesar dessa sobrecarga e do grande uso das especulações filosóficas greco-romanas, Agostinho evitou, ao mesmo tempo, aquilo que foi, para ele, o maior engano dessas filosofias, acreditar que a verdadeira felicidade dependa tão somente da razão e da vontade humana. Nesse sentido, Agostinho persegue seu propósito, tanto com seu apurado espírito filosófico, quanto com as aspirações religiosas, sendo que os dois instrumentos usados nesse empreendimento eram a fé e a razão. Desse modo, é possível observar que Agostinho evitou tanto o fideísmo quanto o, pois entende, antes de tudo, que a razão não era suficiente para explicar tudo, muito menos a felicidade, e também sabia que a fé, enquanto explicação do mundo, carecia do esclarecimentos racionais (OLIVEIRA, 2013).

Esse era o modo pelo qual Agostinho buscava obter o bem supremo, garantia da felicidade, algo, já observado desde a sua juventude, fase em que ele apresentava grande vigor filosófico, ao transitar entre as incertezas e a ânsia em procurar as respostas para a questão da busca da verdadeira felicidade (OLIVEIRA, 2013).

Para Santo Agostinho, somente por intermédio da razão e por uma correta condução da vontade que o ser humano alcançaria a desejada felicidade. Em outros termos, seria conduzido pela sabedoria e pelo controle virtuoso da temperança que o homem alcançaria a verdadeira vida feliz. Nesse sentido, busca da verdade serviria como uma chave de acesso à felicidade (ROCHA, 2017).

2.3 O CONHECIMENTO E O ALCANCE DA VERDADE

O desejo e o esforço em compreender a si mesmo e a sua realidade se confunde com a própria história humana. Desde que o homem se descobre como um ser consciente, descobre também a consciência como ferramenta para lhe dar melhores condições de adaptação ao mundo, não de uma maneira mecânica ou instintiva, mas no sentido de compreender mais a realidade e a si

mesmo, podendo assim aprimorar suas relações com a própria realidade e com os outros homens (FERNANDES, 2013)

Um dos temas da filosofia, desde a sua sistematização como modo de conhecimento, na Grécia antiga, é sobre a verdade no contexto do problema do conhecimento. A definição clássica da verdade como adequação da coisa e do intelecto está entre as mais interessantes pois, há os que a acolhem como termo do esforço do espírito humano diante deste problema e alguns que a colocam simplesmente como um ponto de partida para o problema do conhecimento (FERNANDES, 2013).

A Verdade, como objeto do esforço humano, também inquietou o espírito e o coração de Aurelius Augustinus. Suas primeiras conjecturas filosóficas começaram com a leitura de um livro do grande orador e filósofo romano, Marcus Tullius Cicero. A partir de então, tem início a trajetória intelectual de uma das maiores mentes do pensador ocidental (PEREIRA JUNIOR, 2017).

A genialidade de Santo Agostinho, influenciou não apenas a igreja Católica Romana mas também passou a integrar a sua doutrina as ideias e pensamentos (filosóficos teológicos) do aclamado Bispo de Hipona mas, também, toda uma civilização ocidental que crescia sob a orientação de seu sistema filosófico ético-moral, o qual pode ser notado ainda nos dias atuais.

Assim, temos o homem cuja finalidade é ser feliz. Para ser feliz é necessário que possua a Deus, único bem duradouro e imperecível. Mas, é impossível que o homem possua a Deus realmente nesta vida. Desta forma, só conhecendo a verdade, isto é, possuindo a através do conhecimento pois, é o que há de superior no homem (PAZ, 2017), conforme disse Agostinho:

Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas! No entanto, eu ainda não sabia o que pretendias fazer de mim! Em ti reside a sabedoria. Ora o amor da sabedoria, pelo qual eu me apaixonava com estes estudos, tem o nome grego de filosofia (AGOSTINHO, 1997, p.70).

2.4 A DIVISÃO DA VERDADE EM AGOSTINHO

Tendo estabelecido que a verdade constitui a finalidade do homem, e que pode ser obtida no intelecto, agora, é possível analisá-la em suas diversas formas,

ou seja, a verdade ontológica em si (Deus), e a verdade ontológica presente nas criaturas como participantes de Deus. Também analisamos a verdade epistemológica em seus dois matizes, isto é, as verdades eternas e necessárias, e as verdades obtidas pelo intelecto através dos sentidos, porém continentais. Para melhor entender a divisão da Verdade em Agostinho é necessário, esclarecer como funciona sua ontologia (PAZ, 2017).

Se começarmos pelos níveis inferiores, temos os corpos, que incluem todos os seres desprovidos de inteligência ou de espírito. Se consideramos uma teoria da participação, poderíamos afirmar que esses seres são verdadeiros. Logo acima, aparece a alma humana, capaz de atingir dois níveis de verdade, isto é, a ciência e a sabedoria. Por último, existe Deus, *Ipse Esse Subsistens*, que é a verdade em si e a fonte da verdade dos outros seres. É muito provável que Deus tenha uma dupla função: primeira, como verdade em si, ele permite que os demais seres sejam verdadeiros; segunda, Deus também é fonte das verdades intelectuais obtidas pelo homem e, além disso, ele é quem permite que o homem encontre essas verdades, já que as ilumina. Portanto, uma segunda função de Deus se dá na chamada teoria da iluminação divina de Agostinho (PAZ, 2017, p.128).

O método dialético de busca da verdade proposto por Santo Agostinho possui algumas características e peculiaridades que se faz necessário destacar. Ele parte do princípio de que existem dois tipos de memória. Uma é a memória baseada nos cinco sentidos, ou seja, empírica e que armazena o que é conhecido pelos sentidos. O segundo tipo de memória é intelectual, ou seja, não tem a ver com os cinco sentidos. Esta seria responsável não por armazenar as imagens e sim os conteúdos intelectuais, como os conteúdos da ciência, por exemplo. Nessa memória também se encontram os princípios primeiros e as razões da matemática e da geometria. Aqui estão os conteúdos das verdades necessárias, eternas e imutáveis (PAZ, 2017).

Como o homem é capaz de apreender e reter em sua memória esses dois tipos de verdades fica claro que ele participa da verdade ontológica – Deus, ou seja, que o homem é o que Agostinho chama de *verum* ou uma instância da Verdade. Além disso, pode-se afirmar que o homem consegue se apropriar de algumas das instâncias dessa verdade ontológica [...] Agostinho deixa claro que toda e qualquer verdade depende da Verdade em si, mas não explora muito o ponto de como a verdade intelectual, a qual o homem consegue apreender, se constitui uma instância ontológica da Verdade (PAZ, 2017, p.132).

2.5 O MÉTODO DIALÉTICO – ESPECULATIVO – ASCENSIONAL

Na busca da Verdade, Santo Agostinho utilizou o método dialético especulativo ascensional, que lhe permitiu transportar-se pelas vias da interioridade, a um novo patamar de intuição intelectual: a autoconsciência da sua própria existência no mundo, a partir da apropriação e superação da dúvida acadêmica (PEREIRA JUNIOR, 2017).

É importante notar, porém, que este estado de autoconsciência do homem-interior que pensa, que duvida e, acontece na esfera ética das operações anímicas da “linha dividida de Platão”.

Assim, para não enquadrar este ato dialético-racional de elevação da alma, tão somente, no grau das operações noéticas da “linha dividida” – gerando a possibilidade de equívoco quanto aos objetos deste nível –, consideramos apropriado tratar este grau de pensamento agostiniano, pelo termo aqui ora assinalado, auto-noética (PEREIRA JUNIOR, 2017, p.165).

O que o bispo de Hipona nos propõe é uma profunda e densa reflexão sobre o ato próprio e autoconsciência do pensar sobre o eu-pensante o ser-mesmo que dúvida para daí, extrairmos um conhecimento verdadeiro e longe de qualquer dúvida, que ponha em dúvida, não mais o assentimento do conhecimento ou da verdade, mais a própria credibilidade do criticismo acadêmico (PEREIRA JUNIOR, 2017).

[...] Acudira-me de fato a ideia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram os chamados Acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem nada pode compreender de verdade. Eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes era comumente atribuído, pois não compreendia ainda seus reais propósitos (CONFISSÕES, 2011, p. 129).

2.6 A DÚVIDA AGOSTINIANA

O saber oriundo do método dialético é evidenciado no momento seguinte da apropriação da dúvida, quando dialeticamente, o indivíduo ultrapassa os limites da dúvida-em-si inteligente sobre o ato próprio de duvidar, constatando óbvio

[F3] Comentário: (PEREIRA JUNIOR, 2017)

desconhecido: para duvidar é necessário antes pensar, para pensar é necessário que o ser-pensante exista. Assim, diante desta verdade ontológica existencial, Agostinho constata que o argumento cético não encontra a base de sustentação para seus argumentos, e o Acadêmico não terá outra opção, a não ser render-se ante a evidência que a própria dívida proporcionou (PEREIRA JUNIOR, 2017).

Desta forma, Agostinho avançava em sua busca, só que agora, ele encontrava-se carregada de ceticismo, contraído a partir do contato com os acadêmicos, por isso, ele vivia desconfiado de tudo e desesperado por encontrar a verdade, conforme vemos: “para qualquer parte que se volte a alma humana, se não se fixa em ti, se agarra à dor, ainda que se detenha nas belezas que estão fora de ti e fora de si mesma” (AGOSTINHO, 2010, p.75). Ao mesmo tempo, Agostinho preservava a concepção de filosofia como Porto para a felicidade, embora a filosofia que conhecesse até esse momento, fosse a pagã. Nesse sentido, vale observar que mesmo depois de conversão ao Cristianismo, ele atribuiu um relativo valor positivo a filosofia pagã:

Com seus diálogos filosóficos, encontra segurança para um progresso fecundo na vida intelectual. Sente-se estimulado a encontrar a verdade, enquanto alimento para a alma. É neste contexto que redige seus diálogos filosóficos, procurando responder a diversos problemas fundamentais para a investigação filosófica. Sua preocupação é conhecer a verdade e encontrar uma resposta que satisfaça sua imensa inquietude interior (SANTOS, 2016, p. 6).

2.7 AGOSTINHO E O MITO DA CAVERNA

Assim como no mito da caverna de Platão, no qual os prisioneiros se mantinham voltados para as sombras, da mesma forma, a humanidade esquecendo-se das coisas inteligíveis-espirituais, mantém-se voltada apenas para a materialidade do mundo, única realidade por ela conhecida. Todavia, apesar de tudo, o sol - símbolo do Bem em Platão e em Agostinho a própria Verdade - continua irradiando sua Luz no exterior da caverna, para todo aquele que pretende se arriscar, desprender-se dos grilhões do mundo sensível e

caminhar até o exterior da caverna, assim como a ascensão interior da alma para contemplar a Luz da Verdade (PEREIRA JUNIOR, 2017).

Dessa forma é possível observar que, assim como aquele que caminha para a luz exterior no mito da caverna, a alma ao caminhar para a Verdade, desprende-se da realidade sensível e imperfeita:

Tudo isto, configura o processo cognoscitivo de apreensão da Verdade em Santo Agostinho como um desprender-se do mundo sensível, acompanhado de um movimento conversional da alma (conversio) em direção ao mundo inteligível, isto é, o interior de si-mesmo – interioridade agostiniana. Desta forma, seu intelecto iluminado pelo Sol da Verdade, possibilita aos olhos interiores da alma, uma visão clara de toda a Realidade metafísica-ontológica escondida sob o véu da concretude do mundo empírico-material que nos circunda (PEREIRA JUNIOR, 2017, p. 181).

Apesar do método dialético agostiniano indicar esse caminho de interiorização da alma, ou seja, encontrar a Verdade dentro de si mesma, do ponto de vista metafísico-ontológico assume um sentido verdadeiramente ascendente e transcendente:

Este é o sentido da aplicação do termo “salto metafísico-racional” que utilizamos para nos referir à passagem da pathemata auto-nóética para nóética em-si. Ele designa a transição abrupta da alma de um patamar de conhecimento racional-cognoscível para um conhecimento metafísico-transcendente (PEREIRA JUNIOR, 2017, p.189).

Em uma ocasião, ele afirma que: "Aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê-lo, porque Vos tornastes meu auxílio" (AGOSTINHO, 2012, p.134).

Eis, então a ocasião de sua conversão, fato que marcará profundamente o rumo à felicidade, pois, a partir dela tornou-se possível a aquisição das respostas aos questionamentos pessoais, assim como deu início à escrita de suas obras, inclusive a que trata da felicidade. Portanto, foi somente a partir de sua conversão que o Bispo de Hipona encontrou definitivamente a verdade o que, por sua vez, acarretará, necessariamente, a posse da verdadeira felicidade.

3 A FELICIDADE PLENA

3.1 A FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DA FELICIDADE

Agostinho transfere seus raciocínios para o novo pensar, não somente recorrendo ao pensamento filosófico, mas fazendo uso dos recursos da Teologia para dar conta da problemática acerca da Felicidade. Portanto, somente com um certo conhecimento adquirido Agostinho conheceria certos equívocos, admitindo, porém, que tal fato não tiraria a utilidade do que tinha escrito caso fosse reconsiderado. CONHECER E AGIR

[...] estão elas (as obras deste período) cheias de hábitos literários do século. Tais livros podem ser lidos com utilidade, se forem perdoadas algumas faltas. Deste modo, todos os que lerem tais escritos não me imitem nos erros, e sim nos progressos que vim a fazer, em vista de melhorar (AGOSTINHO, 1998, p.114).

Na obra *A vida feliz*, Agostinho tinha proposto que o homem devia desejar apenas o que seria possível realizar e o que pode ser evitado é tolice suportar.

Posteriormente, na obra *A Trindade*, o filósofo de Hipona reconhece que cometeu certos equívocos referentes a essas afirmações.

Mas quem é feliz pela esperança ainda não é feliz, pois espera com paciência uma felicidade que ainda não possui. Entretanto, aquele que é atribulado sem essa esperança, é atribulado sem qualquer perspectiva de recompensa. Por mais resignação que demonstre, não é deveras feliz, mas corajosamente infeliz. Se não deixa de ser infeliz por isso, por certo, seria muito mais infeliz, se suportasse sem paciência a sua desgraça. E mesmo que esta pessoa não tenha de sofrer o que não quer em seu corpo, nem assim deve se considerar feliz, porque não vive como deseja (AGOSTINHO, 1995, p.408).

A felicidade em Santo Agostinho, passa pelo agir corretamente segundo a sabedoria do alto, que é dada por Deus. Ela é concedida aqueles que sabiamente a buscam, e não é concedida àqueles que vivem em prol da sorte, do acaso ou da ignorância. Na obra *A cidade de Deus*, Agostinho comenta sobre a Felicidade como uma recompensa da virtude, sendo ela um dom dado por Deus (ROCHA, 2017).

3.2 DIÁLOGO SOBRE A VIDA FELIZ

Durante sua estada em Cassiciaco, mais precisamente durante a comemoração do seu aniversário, Agostinho e seus amigos empreenderam um debate sobre o tema a felicidade. Daí a razão de a obra posteriormente recebe o nome de "*De Beata Vita*" (COSTA JUNIOR, 2020).

A estrutura está dividida em três partes. Inicialmente, se faz uma introdução e se apresenta a metáfora da navegação, a qual é usada para destacar que a filosofia é o porto que conduz à felicidade na vida. Em um segundo momento, são expostas as etapas da caminhada filosófica de Agostinho que envolveu: a busca da beatitude o encontro com Cícero; leitura das Escrituras, maniqueísmo; astrologia; ceticismo e platonismo. Por último são apresentados os colóquios sobre a vida feliz (COSTA JUNIOR, 2020).

Logo no início do diálogo Agostinho usa a alegoria da navegação. Ele afirma que seria "possível atingir o ponto da filosofia único ponto de acesso à região à terra firme da vida feliz" (AGOSTINHO, 1998, p.117). Esta ilustração era muito conhecida no Mundo Antigo, por conta do diálogo *Fédon*, do filósofo Platão, que a usava para ensinar a descoberta da realidade superior ao mundo sensível.

Um pouco mais à frente, o autor dedica a obra a Teodoro, mostrando por meio da figura da navegação qual o caminho para chegar à felicidade.

Suplico-te, pois, em nome de tua virtude, por tua bondade e pelos vínculos e relações que costumam unir as almas, estender-me a mão. Quero dizer: estima-me e, em troca, crê que eu te estimo e que me és muito querido. Se obtiver o que desejo, bastar-me-á um ligeiro esforço para atingir, sem dificuldade, aquela vida feliz, a qual já desfruta, como penso (AGOSTINHO, 1998, p. 122).

O caminho seguido por Agostinho fora percorrido pelo próprio Teodoro. Este escrito é digno de escrutínio, por ser um "Dom dado por Deus" (AGOSTINHO, 1998, p. 122). Vale a ressalva que Teodoro foi mestre, grande amigo e conselheiro para Agostinho. Isso fica claro na afirmação.

Tua eloquência não me intimida, pois não posso temer o que amo, embora não possa atingir a tua medida. Menos ainda temo, na verdade, a tua alta posição (fortuna). Elevada que seja, aparece-te ela como coisa secundária. Ao passo que seria suficiente para tornar plenamente felizes aqueles a quem ela subjuga. Peço-te, agora, prestar atenção ao que te vou expor (AGOSTINHO, 1998, p. 123).

O doutor de Hipona, volta a questionar se quem não tem o que quer pode ser feliz. Todos em uníssono afirmam que não. Afinal, para que haja felicidade é necessário haver confluência da razão e da vontade. Entretanto, Mônica, mãe de Agostinho, deixa claro que não basta possuir essa vontade, mais que a mesma seja boa (AGOSTINHO 1998, p. 128). Ou seja, a questão do livre-arbítrio emerge nesse momento. Só será feliz, portanto, aquele que tem o que quer, e se este for bem que se busca de livre vontade.

3.3 O HOMEM E O DUALISMO PLATÔNICO

Na filosofia agostiniana, a concepção do homem segue uma linha platônica e apresenta o ser humano como um ser de corpo e de alma. Por outro lado, é importante evidenciar que a felicidade está fortemente ligada ao teor espiritual

que está presente na alma. Portanto, tratar sobre a felicidade é falar sobre os anseios manifestados na interioridade da alma humana (ROCHA, 2017).

Apesar da apresentação do homem como ser composto de corpo e alma, Agostinho hierarquizou alma como algo superior ao corpo. E diferente do platonismo e maniqueísmo que via o corpo (matéria) como algo negativo, Santo Agostinho tinha o corpo como algo positivo, mas inferior à alma. “Portanto, apesar de considerar o corpo (matéria) como parte inferior do homem, Agostinho contrariamente os maniqueus e aos filósofos antigos, principalmente Plotino, não considera o corpo como o mal” (COSTA, 2012, p. 68).

Para explicar a questão em torno da felicidade, tal como a satisfação dos desejos do homem, Santo Agostinho buscou classificar o homem como um ser composto de corpo e alma. Logo, o corpo deve ser corretamente alimentado, pois, sem alimento, o corpo definha. De modo semelhante é a alma, uma vez que está, sem o seu devido alimento, também definha. Para Agostinho esses alimentos são o conhecimento das coisas e a ciência (ROCHA, 2017).

Nesse sentido existe uma relação entre alimentar corretamente a alma e as virtudes e o não alimentar corretamente com os vícios. Em outras palavras, aqueles que nutrem corretamente sua alma vivem na sabedoria, pois agem de maneira virtuosa e temperada; já aqueles ignorantes que não nutrem corretamente sua alma vivem em espécie de vida viciosa, pois agem na intemperança (ROCHA, 2017).

Certamente, existe uma relação harmônica entre o corpo e a alma. A alma precisa do corpo e o corpo precisa da alma. Em outras palavras, para que o homem, de fato, exista como um ser que vive, é preciso que ele possua conjuntamente

corpo e alma.

Não podemos denominar o homem nem só pela alma, nem só pelo corpo: é grande verdade não ser todo homem a alma do homem, mas sua parte superior, nem seu corpo todo o homem, mas sua parte inferior” (De Civ. Dei, XIII, 24). “Ou seja, mesmo que a alma seja uma substancia superior, ela necessita de um corpo para com, ele formar uma substância completa: o homem (COSTA, 2012, p. 68).

Desta forma, a felicidade é o

repouso dos desejos da alma em algo pleno. É no interior da Alma que o homem encontra a verdadeira felicidade. Assim, a vida feliz é encontrada dissociada da externalidade das coisas e conexas a interioridade da alma. Por fim, a felicidade é este bem imutável que é alcançado com a posse da verdade interior que é de Deus.

3.4 A RELAÇÃO ENTRE DEUS E A FELICIDADE

Autêntica felicidade surge quando o indivíduo descobre Deus dentro de si. Ou seja, é um encontro pessoal com Deus, guiado pela senda da razão. Ser feliz ou encontrar a felicidade é uma construção racional séria, que marca a vida toda.

Para ser feliz é importante saber usar bem a liberdade disponível. Nesse caso, é imprescindível uma reorganização inteira do eu, com ênfase nas relações consigo mesmo, com próximo e com divino. Certamente, que entre as várias lições apresentadas, a felicidade agostiniana pode ser enfatizada com a necessidade de o Homem encontrar-se a si mesmo. Algo muito pertinente em dias tão complexos como os nossos (COSTA JUNIOR, 2020, p.16).

A verdadeira felicidade está e só pode ser atingido em Deus. Desse modo, Agostinho diferencia seu pensamento do pensamento da filosofia antiga por ter como fundamento último do eudaimonismo o sobrenatural. Fica, portanto, claro que a busca da felicidade é a busca de Deus. Deus é o único que pode dar estabilidade ao homem ponto o filósofo busca a verdade com a finalidade de ser feliz. A felicidade encontra-se na posse da Verdade-Deus. Somente ao encontrar Deus, o homem encontra a sua felicidade.

A ética tem por finalidade a felicidade, que é o tema central da filosofia de Agostinho. Esta felicidade não se dá sem um reconhecimento, em um encontro de Deus. O verdadeiro conhecimento é aquele que conduz o homem a verdade suprema e só se atinge de tal verdade pelo amor (SANTOS, 2008). Para ele, um ser ético está em proximidade com Deus, sendo assim, aquele que se afasta de Deus, deixará de ser uma pessoa moralmente correta, não pensará em coisas boas, por isso, deixará de ser ético.

Sendo assim, Agostinho atribui a existência de todas as coisas a Deus. Tudo que existe e tudo é por obra, vontade e amor de Deus para conosco. Sua percepção ética tem, como plano de fundo, a figura de Deus. Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado, é o referencial ético a ser perseguido. Ela deve estar presente em todas as estruturas: religiosa, política, social, econômica, etc.

Tendo ele, amor como fundamental da ética, as nações humanas devem ser realizadas com vistas alcance de eternidade, onde se encontra a verdadeira felicidade, finalidade a última da vida humana no plano individual, ou social. A reta razão e a boa vontade necessitam, portanto, caminhar juntas, pois, como movimentos convergentes da alma, devem dirigi-la para o melhor, para o gozo da felicidade eterna.

3.5 A FINALIDADE DA VIDA FELIZ

Agostinho em seu diálogo, *De Beata Vita*, - *A Vida Feliz*, alcança a seguinte pergunta: "Queremos todos ser felizes"? Diante desta pergunta, todos os participantes responderam que sim, evidenciando desta forma uma necessidade do homem em ter uma vida feliz, uma vida de contentamento, ou seja, uma vida ética. Mas este questionamento levará a uma segunda pergunta de Agostinho: "E que vos parece: quem não tem o que quer será feliz"?

Desta forma para Agostinho (1998, p.129), a felicidade depende necessariamente de se ter objeto desejado, como ele mesmo diz, "Portanto, está entendido, entre nós que ninguém pode ser feliz, sem possuir o que deseja e, por outro lado, não basta ao que já possuem ter o ambicionado para serem felizes".

No seu método dialético, Agostinho (1998, p.129) pergunta, "Pois bem, prosseguir, admitis ser infeliz o homem que não é feliz?" Agostinho conclui então que para que se obtém a felicidade é imprescindível ter o objeto desejado e este deve ser o bem. Esse bem ou essa felicidade, segundo ele, só

se dará em objeto que tenha como atributo a permanência e que seja capaz de não sofrer variações.

Este objeto para conferir a plena e total felicidade deve sempre existir, ou seja, ele devesse eterno, e tendo a eternidade nunca cessará de existir. O tempo não mudará nem o seu aspecto, nem a sua existência, esta permanência lhe garantirá a sobrevivência. Ele chega a esta conclusão porque se o objeto não for eterno, a qualquer momento, pode surgir outro que o substitua e desta forma, a felicidade do primeiro não será plena por haver um segundo melhor.

Ele sempre será o que é por si mesmo, ele não será melhor ou pior no dia seguinte e se isso ocorresse também afetaria a felicidade da pessoa, por depender do bem. Diante dessa imutabilidade, há garantida a certeza de que a fonte da Felicidade não sofrerá variações. Logo, para gostinho, o bem deve ser eterno e imutável como dito por ele: (AGOSTINHO 2014, p. 129). "Isso significa ser necessário que se procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Ora, não podemos adquirir a vossa vontade, tão pouco conservar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro".

Agostinho, em momento algum, se preocupa em provar a existência de Deus, ele parte do princípio que Deus existe.

Entra abruptamente é como se faltasse algo que de continuidade

Início, está claro que para Santo Agostinho a ideia de Deus é um conhecimento universal e, naturalmente, inseparável de espírito humano". Com efeito, Agostinho considera a existência de Deus evidente para o homem, que conserva um coração puro, uma razão direita e uma fé dócil aos ensinamentos da revelação, quanto ele estima difícil demonstra lá aos corações endurecidos e às razões que aspiram bastar-se a si mesmas (GILSON 2010, p. 31-32).

Aparece ainda a seguinte questão, poderia ou não existir alguém que não posso ir se a Deus. A mãe de Agostinho, Mônica, afirma que não existe alguém que não possua a Deus, pois, a criatura é sempre possuidora de Deus. A criatura não poderia existir sem o seu criador devido a isto, a criatura sempre estará ligada a Deus, seu criador.

Renata Vanessa em sua tese vai dizer que, a entrega do homem e sua consequente, renovação na verdade é que o 'purifica' e o transforma, conduzindo-o ao conhecimento de Deus. Essa entrega é a purificação necessária àquele que deseja tocar o inefável ou conhecer a Deus e ao seu projeto. A verdade purifica e fortifica àquele que a procura e nela se ampara e é através da verdade que o homem encontra a felicidade, e, já transformado, está apto a conhecer a Deus (SILVA, 2005, p.59).

A vida ética e feliz para Agostinho só se dá em Deus, que é o seu eterno e imutável. Assim sendo, em Agostinho, a busca da felicidade do homem e converte-se na busca de Deus, o único que pode dar-lhe estabilidade.

Agostinho, em seu conceito, se contrapõe as comparações atuais acerca da felicidade, para ele a felicidade é a busca e a posse de um bem eterno como plenitude espiritual, ou seja, posse da sabedoria, da verdade, ou seja, a posse de Deus. Ele ressalta a importância da interioridade da alma e conhecimento desse mesmo ponto segundo ele, a presença da noção de felicidade está na memória, na recuperação de valores como esperança, fé, virtude e boa vontade, num processo de busca de um bem que seja permanente.

Por isso, para ele seria impossível ser feliz fora da verdade, pois nenhum outro bem é compatível com a própria felicidade, logo, procurar felicidade implica a, necessariamente, procurar a verdade: "pergunto a todos se preferem encontrar alegria na verdade ou na falsidade". Desta forma, à medida que a filosofia greco-romana vinculava a felicidade a razão e a vontade, Agostinho as entende apenas como acessórios, e concebe, de forma inédita, a felicidade vinculada à posse da verdade, em última instância, é Deus.

Era essa a base principal da metodologia que ele utilizava para tentar obter o bem supremo, a verdade-Deus, garantia da Felicidade. Agostinho tem muito a oferecer no atual debate em torno da felicidade e vem lembrar de que a vida feliz não depende de uma série de coisas que estão fora de nós, mas de um único bem, da verdade, por sua vez, habita em nosso interior. Agostinho nos mostra que a felicidade está em nós mesmos, mais, ele adverte de que a felicidade pessoal remete a felicidade do próximo.

Dirá Agostinho que, portanto, ser feliz não é outra coisa do que não padecer necessidades, e isso é também ser sábio. Agora, se me perguntardes o que vem a ser a sabedoria - conceito a cuja análise e aprofundamento a nossa razão tem-se consagrado até o presente quanto pode – dir-vos-ei que a sabedoria é simplesmente a moderação do espírito (*modus animi*). Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não se dispersar em excessos ou encolher-se abaixo de sua plenitude. Sem essa medida, a alma atira-se em excesso na direção dos prazeres, da ambição, do orgulho e de todas as outras paixões do mesmo gênero. Por elas, os intemperantes, e, portanto, infelizes, imaginam alcançar alegria e poder. Ora, eles encontram-se, na verdade, diminuídos pelas baixezas, pelo medo, tristeza, cupidez e outras paixões. Sejam quem forem, esses infelizes os reconhecem que tais coisas fazem a infelicidade do homem (AGOSTINHO, 1993, p.59).

4 A VERDADE COMO ÚNICO CAMINHO PARA A FELICIDADE

4.1 AGOSTINHO: FÉ E RAZÃO

Santo Agostinho (354-430) foi um dos primeiros filósofos cristãos, porém até sua filosofia chegar à maturidade, ele passou por uma conversão na fé em Jesus Cristo e em sua Igreja, pois estas influenciariam no seu modo de vida, abrindo novos caminhos para o seu pensamento. Agostinho assumia que esta fé precedia o trabalho da razão, através do desenvolvimento do intelecto, do conhecimento. A partir daí Agostinho defende o seu conceito de iluminação Divina (XAUBET, 2010).

Dito isto, essa iluminação não dispensa o homem de desenvolver o próprio esforço.

É impossível encontrar bens, principalmente os que tornam os homens bons e felizes, se não vierem de Deus para o homem e não aproximarem o homem de seu Deus. Quando, porém, aquele que permanece bom e fiel em meio às misérias desta vida, chegar à vida bem-aventurada, então acontecerá o que agora não é possível de forma alguma, ou seja, o homem viver como quer. Pois naquela felicidade, nada quererá de mal ou nada desejará que lhe falte e não faltará nada do que desejar. Tudo o que amar estará lá presente e não desejará nada que esteja ausente. Tudo o que ali existir será bom e o Deus supremo será o supremo Bem, e ali estará para gozo de todos os que o amam. E eis o que será o maior grau de felicidade: estará certo de que será assim por toda a eternidade (AGOSTINHO, p. 406,407).

Desta forma, Deus é a verdadeira essência, ou seja, a verdade absoluta, já o homem, por ser apenas criatura, somente participa dessa verdade, justamente por ser criatura de Deus, logo não pode conhecer a verdade sem ser por meio do contato com o criador (XAUBET, 2010).

O homem enquanto criatura participa com Deus das verdades, pois sua alma vem diretamente a Ele, logo as verdades também estão dentro da alma humana, porém não é qualquer alma que é considerada apta para conhecer as verdades ou as ideias, pois as ideias constituem uma realidade metafísica, somente a alma pura, ou seja, aquele que não possui pecados e que tem o seu intelecto desenvolvido podem compreender as verdades (XAUBET, 2010, p.3).

4.2 A VIVÊNCIA DA FELICIDADE

A busca pela felicidade permanente é desejo unânime do ser humano e tal busca sempre atual e eminente, segue sendo motivo de inquietação dos filósofos e pensadores de todos os tempos:

Mas quem é feliz pela esperança ainda não é feliz, pois espera com paciência uma felicidade que ainda não possui. Entretanto, aquele que é atribulado sem essa esperança, é atribulado sem qualquer perspectiva de recompensa. Por mais resignação que demonstre, não é deveras feliz, mas corajosamente infeliz. Se não deixa de ser infeliz por isso, por certo, seria muito mais infeliz, se suportasse sem paciência a sua desgraça. E mesmo que esta pessoa não tenha de sofrer o que não quer em seu corpo, nem assim deve se considerar feliz, porque não vive como deseja (AGOSTINHO, 1995, p.408).

O fato é que a felicidade é o estado da alma mais desejado da natureza humana porque é o desejo natural do homem ser feliz, e, geralmente, é o que move toda a sua atividade. De acordo com Agostinho para ser feliz, a alma deve fixar-se em um objeto que seja imperecível e imutável, pois assim não está mais à mercê da sorte. Para o Filósofo é somente fixado no conhecimento de Deus que o homem estará no caminho da felicidade (SILVA, 2005).

O conhecimento de Deus não é um simples anseio intelectual e passa a ser um desejo humano que intenciona encontrar a própria felicidade. A felicidade agostiniana não está nas coisas materiais, ou seja, não é algo que possa ser visto ou tocado pelo homem. Para Santo Agostinho o homem nunca poderá ser totalmente feliz se condicionar sua felicidade às coisas passageiras, mas,

somente será feliz se apegasse a algo superior imutável, ou seja, a Deus (SILVA, 2005).

A felicidade está centrada no conhecimento da verdade na interioridade da alma. Conhecimento que, ao mesmo tempo, é posse e gozo de Deus: "feliz quem possui Deus". A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus, a verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável (FRANGIOTTI, 1998, P.115).

O homem comum confunde a verdadeira felicidade com as alegrias passageiras. Entretanto, uma coisa é certa: o homem deseja ser feliz. Nas palavras de Santo Agostinho:

Se perguntarmos a dois homens se querem alistar-se no exército, é possível que um responda que sim, o outro que não. Porém, se perguntarmos se querem ser felizes, ambos dizem logo sem hesitação, que sim, que o desejam, porque tanto o que quer ser militar como o que não quer têm um só fim em vista: o serem felizes. Opta um por um emprego, e outro por outro. Mas ambos são unânimes em quererem ser felizes [...] ainda que um siga por um caminho e outro por outro, esforçam-se por chegar a um só fim que é se alegrarem-se (AGOSTINHO, 2012, P. 254).

4.3 A TEORIA DA ILUMINAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM A VERDADE E A FELICIDADE

O ponto central de toda filosofia agostiniana, para o alcance da Verdade e da Felicidade, encontra-se na sua Teoria da Iluminação. Esta, compreendida como uma cristianização ou até mesmo superação da teoria da reminiscência platônica, é capaz de conduzir o homem ao caminho da sua interioridade, à Verdade eterna que habita em seu interior. Para o Bispo de Hipona, a teoria do conhecimento de Platão, fruto da teoria da reminiscência, era insuficiente para explicar como o homem alcança as noções universais, uma vez que Agostinho, como cristão, não concebia a ideia de uma vida passada, encontrando na iluminação divina a sua completude (PEREIRA JUNIOR, 2017).

Como porta de entrada para o processo de iluminação divina, a reflexão agostiniana compreende que o primeiro conhecimento provém dos sentidos, proporcionando meios que são trazidos à memória e um segundo

conhecimento que advém das coisas inteligíveis (DE PAULA, 2008), percebido pela mente humana na medida em que há um processo de reflexão interior:

O que é o conhecimento? Inicialmente, conhecer é sentir, isto é, perceber através dos sentidos as qualidades das coisas. Ora, esse conhecimento sensível não é ele mesmo um, pois há qualidades cuja percepção pertence propriamente a certos sentidos, ao passo que outras podem ser percebidas por vários sentidos diferentes[...] Com efeito, saber com ciência certa é conhecer pela razão; os sentidos não podem se elevar à ciência e, de fato, se é pela visão que percebemos as cores e pela audição que percebemos os sons, não é nem pela visão, nem pela audição, nem mesmo pelo sentido interior comum aos homens e às bestas que sabemos que os sons não são percebidos pela visão, nem as cores pela audição. Nada mais evidente, pois o olho vê, mas já que não é ele mesmo que sabe que vê, por uma razão mais forte ele só pode saber que não é ele que entende. Assim, o conhecimento que se sobreporia ao ser e à vida como um terceiro termo, decompõe-se em três termos hierarquizados; sentido exterior, sentido interior, razão (GILSON, 2006, p.37-38)

A razão, através de um movimento dialético, tem acesso ao conhecimento noético, ou seja, das razões eternas: ideias e formas. É no mundo inteligível que se encontram as noções universais como justiça, bondade, beleza, unidade, etc. Agostinho, busca através da sua Teoria da Iluminação explicar como esses conceitos *a priori* se fizeram presentes na alma, uma vez que não são necessários estudos acadêmicos para Reconhece-los. A Iluminação Divina, de acordo com o comentador:

É o ponto alto de toda a gnosiologia agostiniana. Ela explica como temos acesso à Verdade e às realidades inteligíveis do mundo suprassensível, sem ter que recorrer a uma doutrina pagã – como a metempsicose que contrarie o pensamento e a lógica cristã (PEREIRA JUNIOR, 2017, p.176).

Tal assertiva de Junior (2017), se justifica quando ao nos depararmos com seguinte contribuição de Agostinho (AGOSTINHO, 2010, p. 401):

Quanto às coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, que é exterior, mas a verdade que dentro de nós reside, em nossa mente, estimulados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina em verdade, e este é o Cristo que habita, como foi dito, no homem interior, isto é, a virtude única de Deus e a eterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela ao homem na medida de sua própria boa ou má vontade.

Dessa forma, a Iluminação divina como uma experiência vivenciada no íntimo da alma humana, esse contato com a luz da Verdade, proporciona ao homem contemplar não só a Verdade imutável, bem como a felicidade que está em Deus mesmo (PEREIRA JUNIOR, 2017).

4.4 AGOSTINHO ENTRE A VERDADE E A FELICIDADE

A teoria do conhecimento agostiniana, com a descrição das intuições de espírito são referenciais para o homem conhecer a si mesmo e a sua natureza. Neste sentido, analisar os conceitos da Felicidade e Verdade na tentativa de compreender o caminho que deve ser percorrido pelo homem para alcançar definitivamente a felicidade.

Santo Agostinho inicia o seu diálogo De Beata Vita apresentando o porto da filosofia como “único ponto de acesso à região e à terra da vida feliz”. Fazendo, assim, referência à sabedoria como única forma de se chegar à felicidade. Ali ele afirma “que toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria”. Esta sabedoria (sapientiam) “é simplesmente a moderação do espírito (modus animi)”. Sob esse ponto de vista, Agostinho também relaciona a felicidade com a moralidade, pois modus animi é à medida que rege o homem, uma espécie de capacidade adquirida para evitar que a “alma atire-se em excessos na direção dos prazeres, da ambição, do orgulho e de todas as outras paixões do mesmo gênero” (SOUZA, 2006, p.51).

Através da compreensão dos textos agostinianos é possível perceber a profundidade das palavras utilizadas por Santo Agostinho para compartilhar as experiências que vivenciou e demonstrar, por meio destas experiências, a compreensão que o ser humano pode alcançar da verdade e da felicidade. Santo Agostinho apregoa que o exercício da Filosofia unicamente, não é suficiente para fazer o homem feliz, porque, segundo ele, a Filosofia não pode dar ao homem participar da divindade (SILVA, 2005).

Para conhecer a felicidade o homem deve procurar a verdade, presente no eterno imutável, já que os sentidos enganadores e passageiros não o podem guiar nesta procura.

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão (AGOSTINHO, 2002, p. 98).

Buscando conhecer a verdade o homem irá indubitavelmente conhecer a Deus, mas, para que isto ocorra é necessária uma preparação por parte do homem, seguida de uma transformação. A preparação é chamada "purificação" e dela se segue a transformação. O homem deve viver uma "purificação" para que possa conhecer a Deus e essa purificação acontece através da própria verdade que habita a alma do homem (SILVA, 2005).

Às confissões de Santo Agostinho tem o intuito de convencer os homens de que não há boa ação fora de Deus e que as más ações são realizadas a expensas do próprio homem, por ser o homem livre em sua vontade. "Para Agostinho a livre vontade no homem é um bem e não só um bem, mas algo necessário, pois, mesmo os que vivem vidas perversas, possuindo livre arbítrio, podem voltar a ter vida reta, caso queiram" (COSTA, 2007, p.6).

A confissão de Santo Agostinho tinha tantos propósitos: almejava o perdão, queria a retenção das culpas, aspirava concessão de virtudes, esperava conhecer a verdade, ansiava aproximar-se de Deus, desejava levar os homens a crer.

Em confissões, Agostinho quer descrever uma fenomenologia do desejo humano em direção à plenitude. O percurso tece de dentro uma estrutura no âmbito existencial que parte das experiências humanas na sua finitude para o seu encontro com o absoluto – O infinito amor de Deus – A via privilegiada passa pela vivência total dos sentidos, isto é, expressão da exterioridade dos sentidos corpóreos em direção da interioridade onde habita a morada do ser – a Verdade (SILVA, 2014, p. 231).

Nos dias atuais, é Santo Agostinho que vemos chamando o homem a conhecer a Deus. A cada parágrafo de suas obras percebemos que ele reitera o homem seu convite: ser puro de coração, manso, humilde e pacificador. A cada um está lançado o desafio: é possível conhecer a Deus.

Somente em algo imutável e imperecível pode residir a verdade, por isso, imutabilidade e imperfectibilidade devem ser também prerrogativas da alma, uma vez que ela é a 'morada da verdade'. Se aquilo que mora ou faz morada eterno imutável, como o é a verdade, segue-se que a sua morada (a alma) é igualmente eterna e imutável[...] desta forma sendo a verdade imortal, ela deve residir em algo que também seja imortal. Se a verdade reside no homem, que é carnal e mortal deve haver nele algo imortal e este algo é a sua alma é pelo conhecimento que sua alma que o homem voltando ao seu interior compreende as aspirações que carrega (SILVA, 2014, p. 66).

4.5 O EXERCÍCIO DA RACIONALIDADE NA BUSCA DA FELICIDADE

Para o bispo de Hipona, o conhecimento de Deus se inicia pelo conhecimento da alma e a verdade é o entendimento necessário para que se conheça a Deus. Se o conhecimento de Deus se dá através do conhecimento da alma é de suma importância que o homem busque a Deus em si mesmo ou no seu interior. Dessa forma, é através do conhecimento interior que o homem pode conhecer a Deus, que é a verdadeira Sabedoria (SILVA, 2005).

A vida daquele que não possui a Sabedoria, que não conhece a Deus, seria, segundo a visão agostiniana, uma vida triste e ignorante:

Nada pode enxergar aquele que vive de olhos vendados e entregues à ignorância, assim, toda pessoa ignorante e não possuidora de sabedoria, seria indigente.[...] O homem ignorante ou indigente seria aquele que padeceria de grande carência, ou seja, aquele cuja vida cultiva os vícios corpóreos e a eles estão entregues. A entrega aos vícios e ao gozo das paixões entre o espírito do homem de defeitos e este espírito indigente é pleno da ignorância (SILVA, 2005, p.68-69).

O sábio para Santo Agostinho é aquele que não padece necessidades, dessa forma, sua alma permanece em equilíbrio de modo a não se dispensar em excessos nem sofrer por carências. Por nada faltar ao homem possuidor da sabedoria e conhecedor de Deus, pode-se dizer que ele repousa na felicidade.

Ao se conhecer, o homem percebe que Deus habita em seu interior, assim, sua natureza torna-se completa, a verdade passa a ser conhecida e então ele alcança a felicidade. Mas para que esse caminho seja perfeito é preciso que o homem se afaste de tudo o que impede de unir-se com Deus (SILVA, 2005). A afirmação de que as paixões são meios do homem obter satisfação meramente ilusória:

Se te agradam os corpos, louva a Deus por eles e dirige teu amor a quem os criou, para não lhe desagadares ao encontrar prazer em tais criaturas. Se te agradam as almas, ama a elas em Deus, pois são também mutáveis e somente nele tornam-se estáveis; de outro modo, passariam e pereceriam. Portanto é em Deus que deves amá-las; leva-as contigo até ele, dizendo-lhes: “Amemos a Deus!” Foi ele o criador dessas realidades, e delas não está longe, pois não as abandonou depois de criá-las. Dele elas vêm e nele existem. Ele está onde se saboreia a verdade. Ele está no íntimo do nosso coração (AGOSTINHO, 1997, p.103).

Agostinho afirma que por ser falível, o homem necessita da ajuda de Deus para livrar-se da prática do pecado e somente através da Misericórdia Divina poder alcançar a castidade e a inocência. Deus dá o homem os atributos da castidade e inocência para fazer se conhecer através destes mesmos atributos.

Desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como um animal a vários e tenebrosos amores! Desgastou-se a beleza da minha alma e apodreci aos teus olhos, enquanto agradava a mim mesmo e procurava ser agradável aos homens (AGOSTINHO, 1997, p. 49).

Para Santo Agostinho, é indispensável que cada um saiba por onde deve buscar aquilo que é o mês da vírgula assim como, aquele que deseja comprar medicamento não deve ir a uma loja de causados, também o que busca a felicidade não deve procurar lá em coisas fugidias, por serem estas coisas apenas instrumento da vaidade.

A vida feliz sobre a terra é possível somente na esperança. A relação entre a sabedoria, a verdade e a medida, remonta Agostinho à mesma fonte da perfeita felicidade: “Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: - por quem somos guiados até a Verdade (o Pai); - e qual Verdade gozamos (o Filho); - e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo) (IV, 35). A felicidade está centrada no conhecimento da Verdade na interioridade da alma. Conhecimento que, ao mesmo tempo, é posse e gozo de Deus: “feliz quem possui a Deus”. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus, a Verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável. Nossa perfeição moral e nossa felicidade consistem em conhecer e amar este Sumo Bem (AGOSTINHO, 2014, p.115).

A diferença entre a busca da alegria mundana e passageira "versus" a busca da Felicidade em Deus, seria resolvida quando o homem descobrisse que, diferente de alcançar uma alegria passageira nas coisas humanas, quando

buscasse sua alegria em Deus, através do retorno a ele, conheceria a plena felicidade (SILVA, 2005). A busca da felicidade nas confissões de Agostinho é uma busca interior. Exteriormente, o ser humano apenas pode encontrar bens passageiros e mutáveis, os quais podem trazer alegria e prazer, mas não a felicidade verdadeira. A felicidade verdadeira, portanto, é Deus, que é o bem supremo, único e permanente e imutável, e a própria verdade. Desse modo, A busca da Felicidade é a busca de Deus, e ela se inicia na memória, dimensão interior do ser humano.

Assim, à vontade reta, que nos permite querer o bem, é fundamental para felicidade, mas diante da natureza de caída do ser humano, sem o auxílio da Graça Divina, ela não é possível. Desse modo, a graça permite ao ser humano querer o bem e resistir as paixões, que impedem o ser humano de atingir a felicidade. Agostinho admite duas formas de ser feliz: primeiro, possuindo a felicidade na realidade ou segundo possuindo a felicidade em esperança. Na vida terrena, apenas é possível ser feliz em esperança, buscando Deus. A felicidade, na realidade, é estar sempre na presença de Deus, e isso só se realiza plenamente, na vida Celeste.

5 CONCLUSÃO

Agostinho findou com as angústias de sua alma: venceu os apelos dos sentidos, compreendeu o exercício da razão, e, desenvolveu sua fé, pela Caridade e Misericórdia Divina contemplando a Deus, conheceu a verdade e encontrou a felicidade.

A problemática relativa à felicidade despertou muitas reflexões filosóficas em Agostinho. Para ele a filosofia servia como instrumento, uma ponte, para que o homem atingisse a tão almejada felicidade, e esta, para Agostinho residir em Deus. Para Agostinho, felicidade plena é possível por meio de um encontro pessoal com Deus, guiado inteiramente pela razão.

Podemos ver que durante uma boa parte de sua vida, ele procurou escrever obras que tivessem como fundo a relação do homem com Deus, onde ele mostrava como essa busca da plenitude poderia se dar, e partindo da busca e da aceitação, ou seja, se daria a manifestação dele ao homem. Mas ele não ficou só na teoria, ou seja, ele não somente escreve sobre essa busca da verdade, mas ele a vive. No livro Confissões, sua autobiografia, ele vem apresentar sua história e de como saiu de uma vida mundana, cheia de pecados, para alcançar toda a plenitude em Deus.

A importância da teoria de Agostinho, a respeito da Verdade nos leva felicidade, é perpassada até nos dias sua conceituação de felicidade é de grande importância em qualquer tempo. Essa proposição perpassa todos os períodos da história da humanidade e, nos diferentes períodos tiveram diversas interpretações.

O conceito de felicidade e a sua busca são assuntos de grande importância dentro do universo filosófico. Ao longo dos séculos o assunto foi abordado das mais variadas maneiras e por diversos pensadores. Alguns elementos são

identificados com certa frequência em muitas obras como a virtude, o bem, a sabedoria, mas alguns elementos não são universais, como por exemplo, Deus e a fé. Isso ocorre porque o tema foi abordado por filósofos que não compartilham da mesma crença religiosa.

Analisando a história da filosofia, é possível constatar que alguns filósofos possuíam a mesma certeza quando escreviam seus textos, que todos os homens buscam a felicidade, alguns buscam a felicidade desesperadamente, todos os homens querem ser felizes e a melhor forma de se atingir a felicidade, segundo Agostinho, é buscando uma vida ética, a grande finalidade de ética agostiniana é atingir a felicidade, é conduzir o homem ao bem supremo, e permitir que este então leva uma vida de equilíbrio. Era essa a base principal da metodologia que ele utilizava para tentar obter o bem supremo, a verdade-Deus, garantia da Felicidade.

Agostinho tem muito a oferecer no atual debate em torno da felicidade e vem lembrar de que a vida feliz não depende de uma série de coisas que estão fora de nós, mas de único bem, da verdade, que por sua vez, habita em nosso interior. Agostinho nos mostra que a nossa felicidade está em nós mesmos, mas, ele é adverte que a felicidade pessoal remete á felicidade do próximo.

Para ser feliz é importante saber usar bem a liberdade disponível. Nesse caso, é imprescindível uma reorganização interna do eu, com ênfase nas relações consigo mesmo, com próximo e com o Divino. Certamente, que entre as várias lições apresentadas, a felicidade agostiniana pode ser enfatizada como a necessidade de o Homem encontrar a si mesmo. Algo muito pertinente em dias tão complexos como os nossos.

Desta forma, a conclusão que posso chegar, segundo Agostinho, é que a felicidade se dá plenamente mediante a presença constante de Deus. Por mais que o homem busque satisfações fora desse, exatamente em seu seio que ela recusa, dentro de si. Jesus Cristo é o Mestre que ilumina e faz um homem chegar ao conhecimento da verdade e assim, uma ter uma vida feliz e plena.

Vale ressaltar, que Agostinho, em seu conceito, se contrapõe às compreensões atuais acerca da Felicidade, para ele a felicidade é a busca e a posse de um bem eterno como plenitude espiritual, ou seja, posse da sabedoria, da verdade,

ou seja, a posse de Deus. Ele ressalta a importância da interioridade da alma e o conhecimento de si mesmo. Segundo ele, a presença da noção de felicidade está na memória, na recuperação de valores como esperança, fé, virtude e boa vontade, no processo de busca de um bem que seja permanente.

Destarte, Agostinho coloca uma posição inédita em relação a filosofia greco-romana é que, apesar de usar as especulações filosóficas deles, evitou aquilo que foi, para ele, o maior engano dos filósofos antigos: acreditar que a verdadeira felicidade dependia tão somente da razão e do esforço humano. Por isso, para ele seria impossível ser feliz fora da verdade, pois nenhum outro bem é compatível com a própria felicidade, logo, procurar a verdade implica, necessariamente, procurar felicidade. Desta forma, à medida que a filosofia greco-romana vinculava à felicidade, à razão e à vontade Agostinho as entende apenas como acessórios, e concebe, de forma inédita, a felicidade vinculada a posse da verdade, que, em última instância, é Deus. Assim, se alcança aqui, a resposta ao problema da pesquisa.

Embora sua filosofia, seja pautada muitas vezes em pressupostos religiosos, sua reflexão em torno da felicidade é válida filosoficamente. A originalidade da sua Teoria da Iluminação, por exemplo, consiste em não somente tentar completar a teoria da reminiscência platônica, através de uma cristianização da mesma, mas em demonstrar através de um processo lógico, como o homem, a partir da razão e do conhecimento interior, alcança a iluminação para contemplar a Verdade e por conseguinte a Felicidade.

O estudo nos revelou que Agostinho não só revisou, mas aprofundou os temas verdade e felicidade, já que incluiu novos elementos, o que ressignificou a sua própria forma de conceber a vida feliz, fazendo a distinção entre a felicidade terrena e a verdadeira felicidade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *A Trindade*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1995.
- _____. *A verdadeira Religião*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 2002.
- _____. *A Vida Feliz*. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.
- _____. *A vida feliz*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1998.
- _____. *Confissões*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1997.
- _____. *Confissões*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *Confissões*. 26ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Vozes, 2012.
- _____, Santo, *De Beata Vita - A Vida Feliz*. Tradução de Nair de Assis Oliveira São Paulo. Ed. Paulus, 2014.
- _____. *Solilóquios*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA – EDIÇÃO PASTORAL. EDITORA PAULUS, 1990.**
- CARVALHO, Marcos Bacellar. *A felicidade na agenda da administração e suas relações com conceitos organizacionais*. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Ciências Empresariais de Belo Horizonte, Universidade FUMEC. Belo Horizonte, p163, 2010.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 Lições sobre Santo Agostinho*. 2ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Vozes, 2012.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. O livre-arbítrio, segundo Santo Agostinho: um bem ou um mal? *Ágora Filosófica*, ano 7, n. 1, janeiro-junho 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs///index.php/agora/article/viewFile/87/81> Acesso em 08 de novembro de 2020.
- COSTA JUNIOR, Mário Norberto, LOPES, Luís Fernando. *A Vida Feliz: uma reflexão sobre a concepção de felicidade em Santo Agostinho*. Caderno Intersaberes, Campinas, v. 9, n. 17, 2020. Disponível em: <https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/intersaberes/article/view/1081/1089>.

DE PAULA, Andriely Samanda; PEREIRA MELO, José Joaquim. O pensamento de Santo Agostinho para a formação do homem cristão. VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais e VI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do Paraná e Santa Catarina, 2008. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/p005.pdf> Acesso em 28 de outubro de 2020.

FRANGIOTTI, Roque. *Notas e introdução em: Agostinho. A vida feliz*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1998; em AGOSTINHO. *Confissões*. 1ª edição. São Paulo, Brasil: Editora Paulus, 1997.

FERNANDES, Maria Imaculada Azevedo. *Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona*. Sapiencia PUCSP, 2007. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/11759/1/Maria%20Imaculada%20Azevedo%20Fernandes.pdf>> Acesso em 21 de set. de 2020.

FERNANDES, Paulo Adriano do Amaral. O conceito de relação a partir da noção tomásica da verdade como “adequação da coisa e do intelecto” na questão 16 da primeira parte da *suma teológica*. JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, XII, 2013, Maringá. *Anais de Estudos Antigos e Medievais*, Maringá: 2013.

SAVIAN FILHO, Juvenal. *Prefácio em: Felicidade vontade e medida: O dinamismo da vida feliz segundo Santo Agostinho*. Curitiba-Paraná, Brasil: Editora Juruá, 2015.

GILSON, Etienne. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. *Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p.115, 2013.

PEREIRA JUNIOR, Antonio A *SUPERAÇÃO DA SUPERAÇÃO: apropriação/superação da dúvida acadêmica na busca da verdade na filosofia da interioridade de Santo Agostinho*. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa Integrado de Doutorado em Filosofia, UFPB-UFPE-UFRN, Recife, p. 210, 2017.

PALACIOS, Pelayo Moreno. *O estamento da verdade no Contra Academicos de Agostinho*. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.171, 2006.

PAZ, Fabiano. *O Estatuto da Verdade em Santo Agostinho*. De Magistro de Filosofia, Anápolis, ano X, n. 22, 2017. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/o-estatuto-da-verdade-em-santo-agostinho.pdf>

ROCHA, Tiago Barreto. *Santo Agostinho e a Transcendencia da Vida Feliz: Felicidade plena como posse de um bem imutável*. Monografia (Licenciatura em Filosofia). Universidade de Brasília. Brasília, p.60, 2017.

SANTOS, Danilo Nobre. *A felicidade e sua busca no de Beata Vita de Santo Agostinho*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho". Marília, p.77, 2016.

SANTOS, Danilo Nobre dos. *O conceito de Beatitude em Santo Agostinho*. Filogenese, Marilia, Vol.1, n.1, p.25-34, 2008.

SILVA, Nilo César Batista da. *Desiderium Dei, percurso do homem interior em Agostinho de Hipona*. In: **Agostinho de Hipona: Ensaio sobre Deus, liberdade e comunidade**. HINRICHSEN, Luís Evandro; SILVA, Paula Oliveira e. (Orgs.) Porto Alegre - RS, Brasil: Letra e Vida – Editora Suliani, 2014.

SILVA, Renata Vanessa. *A relação entre verdade e conhecimento nas confissões de Santo Agostinho*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 102, 2005.

SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de. *Vida Feliz na filosofia de Santo Agostinho*. Josemar Jeremias Bandeira de Souza. João Pessoa: UFPB, 2006, 110 f.12. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

XAUBET, Raphaela da Rocha, et al. *Teoria do Conhecimento na relação entre homem e Deus, criatura e Criador*. XI Salão de Iniciação Científica, PUCRS, 2010.